

A “CEGUEIRA PREGNANTE” NA INTELIGÊNCIA: UM CASO HISTÓRICO

PREGNANT BLINDNESS IN INTELLIGENCE. ONE CASE FROM HISTORY

LA “CEGUERA PREGNANTE” EN LA INTELIGENCIA. UN CASO HISTÓRICO

MARIA JOSE ESPONA¹

MANUEL GIAVEDONI PITA²

RESUMO

A disciplina de análise de inteligência evoluiu nas últimas décadas à luz do progresso tecnológico e de outras áreas do conhecimento. A psicologia, com as suas contribuições desde a psicologia cognitiva, apresentou a problemática da gravidez. O Coronel Cristiano Pinto Sampaio (Exército do Brasil) tomou esses conceitos para aplicá-los ao desempenho do analista de inteligência, com resultados muito interessantes. Tomando seu trabalho como ponto de partida, utilizei o marco teórico por ele desenvolvido para aplicá-lo ao estudo do caso da guerra do Yom Kippur. O trabalho do Coronel Pinto Sampaio é uma contribuição valiosa para o esclarecimento da problemática básica da inteligência, e a sua consideração por parte dos responsáveis pela direção de sistemas de inteligência pode fornecer soluções eficazes para uma parcela importante dessa problemática. Por último, é necessário continuar explorando a psicologia do analista de inteligência e o funcionamento dessas organizações para fazer com que os tomadores de decisão contem com informações de melhor qualidade para realizar seu trabalho. Além disso, seria apropriado que esse tipo de pesquisa acadêmica seja distribuído e analisado pelos mesmos analistas e que passem a fazer parte do plano de formação deles.

Palavras-chave: Cegueira Pregnante. Inteligência. Psicologia. Pinto Sampaio.

ABSTRACT

The discipline of intelligence analysis has evolved in recent decades in the light of technological progress and the development of other areas of knowledge. Psychology, with contributions from cognitive psychology, has raised the issue of the pregnancy. Colonel Christian Pinto Sampaio (Brazilian Army) applied these concepts into the performance of the intelligence analyst, with very interesting results. Taking his work as a starting point, we use his theoretical framework to study the case of the Yom Kippur War. The work of Colonel Pinto Sampaio is a valuable contribution to the clarification of the basic intelligence's problems, and its consideration by those responsible for the management of intelligence systems can provide effective solutions to an important part of this problem. Finally, we must continue to explore the psychology of the intelligence analyst and the operation of these organizations to ensure that decision-makers have better quality information to do their jobs. Nevertheless, it would also be appropriate that this type of academic research be distributed and analyzed by the analysts themselves and become part of their training plan.

Keywords: Pregnant Blindness. Intelligence. Psychology. Pinto Sampaio.

RESUMEN

La disciplina de análisis de inteligencia ha evolucionado en las últimas décadas a la luz del progreso tecnológico y de otras áreas del conocimiento. La psicología, con sus aportes desde la psicología cognitiva, ha planteado la problemática de la gravidez. El Coronel Cristiano Pinto Sampaio (Ejército de Brasil) tomó estos conceptos para aplicarlos al desempeño del analista de inteligencia, con resultados muy interesantes. Tomando su trabajo como punto de partida utilizamos el marco teórico por el desarrollado para aplicarlo al estudio del caso de la guerra del Yom Kippur. El trabajo del Coronel Pinto Sampaio es un valioso aporte al esclarecimiento de la problemática básica de la inteligencia, y su consideración por parte de los responsables de la dirección de sistemas de inteligencia puede aportar soluciones eficaces a una parte importante de esa problemática. Finalmente, es necesario continuar explorando la psicología del analista de inteligencia y el funcionamiento de estas organizaciones a fin de lograr que los decisores cuenten con información de mejor calidad para realizar su trabajo. Asimismo, sería apropiado que este tipo de investigaciones académicas sean distribuidas y analizadas por los mismos analistas y que pasen a formar parte del plan de capacitación de los mismos.

Palabras clave: Ceguera Pregnante. Inteligencia. Psicología. Pinto Sampaio

¹ Asociación Argentina de Calidad de Información, Buenos Aires - DF, Argentina

E-mail: <mariaespona@yahoo.com>

Doutoranda em Armas e Doenças Biológicas na Universidade de Granada (Espanha)

e de Governança de Dados na Universidade de Castilla la Mancha (Espanha)

Vice Presidenta da Federação Iberoamericana de Calidad de Datos e Información

(FICDI)

² Asociación Argentina de Calidad de Información, Buenos Aires - DF, Argentina

E-mail: <elconductorbelisario4@gmail.com>

Mestre em Defesa Nacional (Escuela de Defensa Nacional - Argentina)

Professor do Instituto Universitario de Gendarmería Nacional, do Instituto

Universitario Aeronáutico e da Universidad Maimónides.

I CONSIDERAÇÕES PRÉVIAS

I.1 Os achados na psicologia cognitiva

Segundo Richards Heuer, dos diversos problemas que dificultam a realização de uma análise de inteligência precisa, aqueles inerentes aos processos mentais humanos são os mais importantes e mais difíceis de abordar (HEUER, 1999). A análise de inteligência é, basicamente, um processo mental, mas a falta de conscientização sobre o funcionamento de nossas próprias mentes dificulta a compreensão desse processo.

Heuer acrescenta que uma descoberta básica da psicologia cognitiva reside em que os seres humanos não experimentam conscientemente grande parte do que acontece em sua mente, e também que as fraquezas e os vieses inerentes aos processos do pensamento humano podem ser demonstrados através de experimentações cuidadosamente desenhadas. Heuer lembra também que Herbert Simon introduziu pela primeira vez o conceito de racionalidade “restringida” ou limitada (SIMON, 1988). Esse autor sustentava que, devido às limitações na capacidade da mente humana, a nossa mente não pode enfrentar diretamente a complexidade do mundo. Em contrapartida, construímos um modelo mental simplificado da realidade e, depois, trabalhamos com esse modelo. Nós nos comportamos de forma racional dentro dos confins de nosso modelo mental, mas esse modelo nem sempre se adapta bem aos requerimentos do mundo real. O conceito de racionalidade restrita chegou a ser reconhecido de forma generalizada, embora não universal, tanto no seu caráter de representação precisa do juízo e da escolha humanos como da sensata adaptação às limitações inerentes à maneira de funcionar da mente humana.

Heuer afirma também que grande parte da pesquisa psicológica sobre a percepção, a memória, a atenção, o período de atenção e a capacidade de raciocínio documenta as limitações de nossa “máquina mental” identificada por Simon (HEUER, 1999). Muitos acadêmicos aplicaram esses conhecimentos psicológicos ao estudo do comportamento político internacional. Alguns escritos sobre o fracasso da inteligência e a surpresa estratégica são baseados em uma perspectiva psicológica similar. Nesse sentido, os analistas têm um conjunto de suposições e expectativas sobre as motivações das pessoas e os processos de governo de outros países. Os acontecimentos compatíveis com essas expectativas são percebidos e processados com facilidade, enquanto que os acontecimentos que contradizem as expectativas prevalentes costumam ser passados por alto ou distorcidos na percepção. Essa distorção é um processo subconsciente o pré-consciente.

Essa tendência a perceber o que é esperado perceber é mais importante do que qualquer tendência a perceber o que é desejado perceber. De fato, é provável que não exista uma tendência real para a expressão de

desejo. As provas que são, comumente, mais citadas em apoio à afirmação de que as pessoas tendem a perceber o que querem perceber, no geral, podem ser explicadas com o mesmo grau de correção através da teoria da expectativa.

As expectativas podem vir de diversas fontes, entre elas a experiência passada, a capacitação profissional e as regras culturais e institucionais. Todas essas influências predispoem os analistas a prestar especial atenção em certos tipos de informação, e a organizar e interpretar essa informação de determinadas maneiras. A percepção também é influenciada pelo contexto no qual se apresenta. Diferentes circunstâncias evocam diferentes grupos de expectativas.

Os padrões de expectativas de forma subconsciente impoem os analistas para o que deve ser procurado, o que é importante e como interpretar o que é visto. Esses padrões formam um modo de pensar que predispoem os analistas a pensar de determinada maneira. Um modo de pensar é semelhante a uma tela ou uma lente através das quais é percebido o mundo.

Heuer também aponta que a recepção de informações de forma gradativa, ao longo do tempo, também facilita a sua integração nas opiniões que o analista já tem formado. Nenhuma informação tomada de forma individual poderá ser suficiente para induzir o analista a mudar uma opinião prévia. A mensagem acumulativa inerente a muitas informações pode ser significativa, mas fica atenuada quando as informações não são examinadas no seu conjunto (HEUER, 1999).

No que se refere à memória, o nosso autor também lembra que é mito raro que ela mude de forma retroativa. Os analistas com frequência recebem informações novas que, desde a lógica, deveria fazê-los reavaliar a credibilidade ou relevância das informações anteriores. As informações prévias, então, se destacariam mais e se tornariam de mais fácil acesso na memória, ou também aconteceria o contrário. Mas, não é isso o que acontece. As lembranças, raras vezes, voltam a ser avaliados ou organizados de forma retroativa como resposta às novas informações. Por exemplo, a informação que foi descartada por ter sido considerada sem valor ou pertinência, por não atender às expectativas do analista, não se torna mais memorável, por mais que o analista mude a sua forma de pensar, até um ponto tal que a mesma informação, recebida hoje, poderia ser considerada verdadeiramente importante (HEUER, 1999).

I.2 A percepção num ambiente de conflito

Quanto ao papel da percepção na área do conflito e as relações internacionais, Robert Jervis realiza um interessante estudo (JERVIS, 1976). Nele, afirma que o homem possui limitações cognitivas que condicionam

o seu acionar e que, portanto, pode ser aplicado tanto para os analistas quanto para os tomadores de decisão políticos e, em consequência, para a relação entre os atores internacionais.

Jervis afirma que o processo de filtragem da realidade é gerado a partir de mecanismos racionais e irracionais. Explica que a consistência racional faz referência aos padrões permanentes de comportamento que servem para limitar a complexidade do entorno, enquanto que a consistência irracional propõe que o homem é propenso a evitar o conflito entre suas próprias crenças e o mundo que o rodeia (toda nova informação será assumida baseada no entendimento original).

Segundo o autor, esses mecanismos criam um viés no processo de tomada de decisões já que partindo de hipóteses tergiversadas, as respostas a ser adotadas podem estar erradas. Não é satisfatório aceitar que um fenômeno não possa ser explicado a menos que novos elementos sejam incorporados e modifiquem ou dificultem o entendimento original.

O homem tende a acreditar que o comportamento do outro é mais centralizado, planejado e coordenado do que, talvez, seja realmente; é mais comum para um político tomador de decisões interpretar os eventos como planejados antes do que acidentais.

Além disso, a interpretação das informações futuras será condicionada também pela interpretação prévia da história internacional, e o acionar do homem de Estado será modelado segundo o sistema político no qual se movimenta e que lhe oferece estratégias e táticas para conseguir os objetivos desejados. O tomador de decisões normalmente superestima o grau de informação que o outro possui, assim como o poder para impor seus desejos em todos os âmbitos de seu governo. O comportamento do Estado é visto usualmente de forma centralizada e não como ações independentes dos atores tratando de promover os seus interesses e as suas concepções parcializadas e enviesadas dos interesses nacionais.

Por outro lado, o conteúdo da percepção também depende do efeito da conduta do outro sobre o ator. Quando o comportamento do outro está de acordo com os desejos do ator, este superestima o grau de responsabilidade de suas políticas nos resultados. Quando a situação flui sem maiores novidades, há uma tendência menor à superestimação mencionada.

No entanto, quando a conduta do outro é indesejável, o ator tende a ver essa reação como resultado de questões internas e não da política aplicada. Nesse caso, o ator acredita que o outro está tentando lhe fazer mal, ao invés de entender que poderia se tratar de consequências não desejadas ou de efeitos secundários da política aplicada.

Jervis também explica que há fatores que fundamentam a superestimação da influência bem sucedida: a satisfação do ego, a eficácia e a capacidade de modelar o seu ambiente; a familiarização dos próprios esforços para influenciar no outro, tendo menos conhecimentos sobre

os outros fatores que poderiam ter influenciado. Diante da falta de outra evidência, a explicação mais adequada é a superestimação da influência.

2 A “TESE” DE PINTO SAMPAIO

No final do ano 2013 foi apresentado um Trabalho Final Integrador (TFI) no Instituto Universitário Aeronáutico, Carreira de Especialização em Análise de Inteligência Estratégica, em Buenos Aires, Argentina, elaborado por um oficial superior do Exército do Brasil (PINTO SAMPAIO, 2013), sobre um tema conhecido, mas com um enfoque particular, original, direcionado para a atividade concreta e cotidiana da análise de inteligência, e para a formação profissional dos analistas.

Na sua essência, a tese se apoiava no convencimento de que existem diversos fatores que afetam o trabalho do analista de inteligência, e que o erro, o equívoco e o engano, são parte integrante de seu trabalho. Partindo da base de que muitas das argumentações ao respeito das causas desse fato apontavam para a escassa disponibilidade de tempo, de informações e de fontes, e também para a realidade de que os “modelos mentais” interferem diretamente no processo de análise, o autor considerava ainda que inclusive a própria personalidade e as atitudes do tomador de decisões, que é o destinatário da tarefa do analista, poderiam induzir ao erro no próprio analista.

Além disso, o autor afirmava que um problema que fora longamente estudado e debatido no campo da psicologia, como o foram as barreiras e os vieses cognitivos, contudo, não tinham recebido a devida atenção no campo de - e desde - a perspectiva da inteligência, e passou a denominar esse tipo de problemas de “Cegueira Pregnante”.

Advertindo que esse nome não pretendia ser considerado um termo científico, mas apenas uma adaptação de dos termos que permitiam oferecer significado para um evento, o autor explicava que esse era um fenômeno pelo qual os dados, as informações e o conhecimento eram analisados indevidamente, ou seja, que os analistas viam-se privados dos elementos para “olhar o objeto”, que ficavam virtualmente “cegos” e que muitas vezes isso conduzia ao emprego da memória para conseguir perceber algo que em realidade já não “viam”. Acrescentava que essa “cegueira” era pregnant, pois tentava simplificar as partes componentes da imagem, do discurso, da informação, para convertê-las em algo “visível”, perceptível, que pudesse ser entendido e analisado sob um modelo mental estabelecido.

O autêntico pano de fundo dessas reflexões é baseado na ideia de que os seres humanos, analistas de inteligência incluídos, criam estruturas de pensamento permanentes sobre a base das próprias experiências e aprendizados, esquemas mentais que são os que determinam, em interação com os fatos concretos da situação que se quer explicar, o modelo mental que usam

para dar respostas. Isso pressupõe que as lembranças da vida são semelhantes a uma “biblioteca” de dados disponíveis sobre a experiência pessoal que são somados ao conhecimento acadêmico adquirido e esse processo cognitivo pode produzir um modelo mental, com paradigmas que resultam muitas vezes inquebrantáveis. Além disso, o âmbito em que trabalha e o ambiente em que vive influenciam a forma de observar, de perceber e de entender do analista de inteligência.

O autor conclui expressando que em todas as oportunidades em que o analista de inteligência enfrentava uma situação na qual estimava não dispor de “ferramentas” necessárias para realizar seu trabalho, em função de sua experiência, das mudanças no entorno e do tratamento das informações, podiam surgir condições para a Cegueira Pregnanter acontecer.

Para fundamentar sua tese, o coronel Pinto Sampaio fez uso de uma profunda análise de estudos realizados no campo da psicologia cognitiva.

No seu trabalho concluiu que os modelos mentais desempenham um papel central na representação interna dos objetos, do estado das coisas, das sequências de eventos, dos conceitos, sistemas, que nos permitem fazer inferências e predições, para entender os fenômenos e os sistemas.

Entre os achados deste trabalho destaca aquele que garante ser interessante observar que não existe um modelo único que representa um conceito mental ou sistema, que podem existir vários, e, ainda, podem existir muitos modelos mentais para representar de forma ótima. Ou seja, “em uma agência de inteligência é possível detectar muitos modelos mentais diferentes e inadequados sobre qualquer tema, por exemplo, a estrutura das células terroristas, como também é possível encontrar modelos mentais apropriados e semelhantes sobre o mesmo conceito” (PINTO SAMPAIO, 2013, p. 10).

Acrescenta algumas características sobre os modelos mentais:

- São incompletos e a capacidade das pessoas para "executar" seus modelos é muito limitada; os modelos são instáveis, no geral, porque as pessoas esquecem os detalhes, especialmente quando não são executados durante um longo período de tempo;
- Os modelos não têm fronteiras bem definidas, porque as pessoas costumam confundir conceitos e processos similares;
- Os modelos podem ser "não-científicos", isto é, podem revelar comportamentos baseados em superstições e nas crenças das pessoas sobre o conceito de que se trata, e, finalmente, os modelos mentais desenvolvidos tendem a ser muito simplificados e econômicos.

Portanto, afirma que:

não deve ser esperado que os analistas apresentem modelos mentais elegantes e precisos, mas sim confusos, incompletos e defeituosos. Contudo, os modelos mentais estão em constante evolução. As

pessoas os constroem a partir de um sistema ou de um conceito em interação com o sistema em estudo (PINTO SAMPAIO, 2013, p. 11).

Também resgata um achado valioso de Richards Heuer Jr.:

As pessoas costumam pensar que a percepção é um processo passivo. Vemos, ouvimos, cheiramos, gostamos ou sentimos estímulos que afetam os nossos sentidos. Pensamos que se, de fato, somos objetivos, registramos, então, o que realmente acontece. No entanto, podemos demonstrar que a percepção é um processo ativo e não passivo; ela cria a 'realidade' ao invés de registrá-la (PINTO SAMPAIO, 2013, p. 16).

O autor Pinto Sampaio escolhe um exemplo interessante para mostrar os possíveis resultados práticos ocasionados pelo fenômeno estudado. Ele disse: um 'brasileiro' pode ter o seguinte esquema mental: “os argentinos são os melhores em futebol”. Os esquemas mentais (duradouros) interagem com representações mentais que são criadas para dar resposta a situações concretas (modelos mentais). Seguindo o exemplo, o nosso “brasileiro” tem que escolher alguns de seus amigos estrangeiros para uma partida de futebol. Após um rápido raciocínio, a sua crença o leva a escolher todos os argentinos disponíveis. Ele acrescenta:

podemos imaginar que a escolha não foi bem sucedida e ele volta zangado da partida porque não ganhou nada, antes de olhar para seus amigos e comprovar que todos eles só nasceram em Buenos Aires, mas cresceram em Quebec, estão com sobrepeso e não tiveram treinamento (PINTO SAMPAIO, 2013, p. 18).

Parece oportuno incluir aqui a definição que definitivamente Pinto Sampaio consigna para a Cegueira Pregnanter (CP):

A CP é a incapacidade de utilizar, total ou parcialmente, o processo cognitivo (a percepção, o aprendizado e a lembrança) para solucionar um problema e que é produzido quando o modelo mental do analista trata de simplificar um dado, informação ou conhecimento para conseguir encontrar o sentido em uma análise, durante o ciclo de inteligência (PINTO SAMPAIO, 2013, p. 61).

Ao chegar neste ponto, e com a intenção de fornecer alguma luz adicional respeito à ideia dos modelos mentais, incluímos aqui um comentário, originado em um destacado pensador estratégico e historiador militar de nosso tempo: Martin Van Creveld. Ele disse o seguinte:

Além dos problemas de cognição – para o caso de uma zebra ser um animal preto com listras brancas ou vice-versa – a solução dos quais depende da vontade própria, deve ser manifestado que com a intenção de classificar e ordenar (isto é, 'entender') a

informação que chega até nós, estamos nos apoiando em uma matriz mental composta de conceitos e relações existentes entre eles. 'Entendimento' significa ordenar a informação de acordo com essa matriz, ao tempo que a informação que parece não se encaixar em ela nos é apresentada como 'ilógica'. A matriz na mente de cada pessoa é parcialmente própria e parcialmente compartilhada com outras pessoas. As suas origens são parcialmente biológicas, parcialmente psicológicas, parcialmente resultado da educação e do treinamento, e parcialmente resultado da experiência prática. A conexão entre a matriz e o mundo real é sempre problemática. Algumas de suas partes são provavelmente verdadeiras, outras são falsas. Quando mais de, digamos, 50% forem falsas, classificamos a pessoa como transtornada. Posto que o mundo exterior muda, a matriz também deve mudar. No entanto, isso leva tempo, e algumas partes da matriz têm a qualidade de se atualizar antes do que as outras. Não existe caminho certo para garantir que a própria matriz corresponde à realidade, mas saber isso, de modo algum, é um bom ponto de partida. A flexibilidade mental consiste na habilidade e na disposição de mudar a própria matriz quando resultar necessário (VAN CREVELD, 1985, p. 278.).

Pinto Sampaio também resgata uma afirmação de Richards Heuer que poderia condensar a essência do ambiente ameaçado pela Cegueira Pregnante na atividade de inteligência:

A presença de informações contraditórias de confiabilidade incerta é um mal endêmico da análise de Inteligência, ao igual que a necessidade de formular juízos rápidos sobre acontecimentos de atualidade mesmo antes de reunir todas as evidências (HEUER, 1999, p. 35).

3 UM CASO HISTÓRICO QUE EXEMPLIFICA OS ACHADOS TEÓRICOS

Analisar o impacto das patologias específicas que obstruem o efetivo processamento das informações no processo de alerta-resposta. Esses obstáculos podem incluir a dissonância cognitiva, os vieses de confirmação, e o juízo heurístico, que altera a habilidade individual para perceber a realidade. Por mais de quarenta anos, a tese dominante entre os estudiosos do tema foi que as falhas de inteligência não são produtos da insuficiência da informação ou da negligência ou estupidez dos produtores e consumidores da inteligência. Pelo contrário, elas são atribuídas ao resultado de patologias inerentes ao processo de alerta-resposta que afeta os homens "honestos, dedicados e inteligentes". A experiência obtida desde o início dos anos 40 repetidamente confirma essa tese. A prova mais recente é a falha de inteligência em 11 de setembro de 2001.

O fracasso em fornecer um alerta precoce e preciso dos ataques repentinos por parte das agências de inteligência foi tema de diversos estudos, que identificaram, descreveram e analisaram um grande

número de obstáculos inerentes no processo de alerta-resposta. Entre esses obstáculos está o ocultamento, com o intuito de evitar que a vítima obtenha informações sobre as intenções do iniciador e suas capacidades de ataque; a decepção, indicada para o aumento de informações falsas sobre as intenções do iniciador e suas capacidades; a síndrome do "menino que gritava olha o lobo", que resulta em alertas fúteis repetidos e que vão erodindo, no longo prazo, a receptividade da vítima para os alertas; o compartilhamento, que artificialmente, embora não intencionalmente, obstruem o fluxo de informações relevantes; a tendência das agências de inteligência à complacência com os cenários do "melhor dos casos" ou do "pior dos casos"; e a desvantagem estrutural que está incorporada na resposta demorada da vítima diante dos alertas que são recebidos.

O relacionamento problemático entre os funcionários de inteligência e os tomadores de decisão políticos acrescenta outra fonte para uma eventual falha. A tendência dos tomadores de decisão, a atuar como seus próprios agentes de inteligência, pode conduzi-los a rejeitar sólidas estimativas de inteligência. Em outro sentido, os tomadores de decisão podem também tender a aceitar automaticamente os produtos de inteligência, um fenômeno que pode levar à criação de uma sólida e dogmática estimativa sobre a probabilidade de guerra. O excesso de compromissos dos tomadores de decisão com a sua própria agenda política pode lesar a sua receptividade diante dos produtos de inteligência que são inconsistentes com essa agenda.

Uma terceira fonte das falhas nos alertas são as patologias gerais do processamento das informações. Nisso, os estudiosos dos ataques surpresa recorrem a campos tais como a psicologia cognitiva e social, os estudos organizacionais e a cibernética.

Nesse contexto, resulta possível identificar um conjunto de casos da história real que poderiam ilustrar perfeitamente os achados concretizados no campo teórico. Escolhemos um deles, que consideramos relevante pela sua transcendência histórica e política, e porque no seu momento e até os nossos dias deu lugar a um extenso e muito sólido conjunto de pesquisas no campo acadêmico. Este caso aconteceu no século XX e é o início da denominada Guerra do Yom Kippur.

3.1 O caso histórico: Yom Kippur

No dia 6 de outubro de 1973, às 14 horas, o Egito, derrotado militarmente poucos anos antes na assim chamada Guerra dos Seis Dias, lançou uma vigorosa ofensiva, através do Canal de Suez, e tomou totalmente por surpresa a Israel e as suas forças armadas. Simultaneamente, a Síria lançou uma forte ofensiva nas colinas de Golã. Em ambos os casos, as forças atacantes superaram as defesas fronteiriças de Israel criando, sobretudo no frente Norte, uma crítica ameaça às populações israelenses nessa região.

Disse Abraham Rabinovich:

Quando a luta acabou, menos de três semanas depois, o seu exército (de Israel) caminhava para as cidades capitais do Egito e da Síria em uma das mais destacadas viradas da história militar. Contudo, Israel emergiu da guerra, mais 'ressabiado' do que triunfante (RABINOVICH, 2003, p.49).³

Desde então, muitos documentos foram revelados, muitas testemunhas presenciais dos fatos relataram suas memórias e muitos trabalhos no campo acadêmico, referidos a aqueles fatos, foram concretizados. Nas palavras de Uri Bar-Joseph, autor de um desses trabalhos mais importantes: "Esses documentos me permitiram apresentar o quadro distorcido de inteligência, tal como foi fornecido, na véspera da guerra, aos tomadores de decisão civis e militares de Israel" (BAR-JOSEPH, 2005, p.555).

Porque foi disso que se tratou o fiasco israelense de outubro de 1973: de uma falha crassa de inteligência, provocada pela "cegueira prenante" que tinha se apoderado da mente do principal responsável da inteligência militar de Israel e de alguns de seus principais subordinados.

Os especialistas consideram que o repentino ataque de Yom Kippur em 1973 foi o elemento mais traumático da tormentosa história de Israel. O sucesso dos exércitos de Egito e da Síria, durante o primeiro dia da guerra, ocupando a linha de defesa "Bar Lev" ao longo do Canal de Suez, bem como consideráveis parcelas das colinas de Golá, somados à perda de 300 dos 500 tanques que defendiam Israel quando a guerra começou, configuraram a mais séria ameaça à existência do país desde a guerra de 1948. Nas palavras do então Ministro de Defesa de Israel, Moshe Dayan, nas horas da manhã do dia 7 de outubro, "o 'Terceiro Templo' estava em perigo".⁴

O sucesso árabe foi resultado direto da falha do Diretório de Inteligência Militar (AMAN, acrônimo em hebraico desse aparelho de inteligência) em fornecer às categorias civis e militares de Israel um alerta estratégico de alta qualidade sobre o iminente ataque. Esse alerta, que segundo a doutrina de segurança da Nação era esperado que fosse dado quando menos 48 horas antes do início das ações, era uma condição necessária para a mobilização e o destacamento das forças de reserva de Israel, que compunham em torno dos 80% de efetivos de seu exército em terra.

Além das IDF⁵, que finalmente se impuseram na guerra, as fortes perdas que sofreram e o seu fracasso na conquista de uma vitória decisiva que pudesse apagar as

vitórias árabes nas primeiras etapas da guerra, deixaram a doutrina de segurança de Israel fortemente abalada. Em consequência, desde 1973, Israel esteve procurando uma nova doutrina que pudesse responder melhor à ameaça de um ataque surpresa.

Na categoria de eventos que integram as falhas de inteligência, o fiasco de 1973 é um dos mais significativos, igual ao de Pearl Harbor e à Operação Barbarossa. Porém, em contraposição com o de Pearl Harbor, nas semanas prévias à guerra, Israel possuía um quase perfeito quadro sobre os planos de ataque árabes, o seu destacamento militar e a intenção de iniciar uma guerra. E, à diferença da Operação Barbarossa, em que os soviéticos possuíam excelente informação sobre os preparativos militares alemães, mas foram confundidos por um sofisticado plano de decepção, o plano árabe de decepção de 1973 era bem mais primitivo.

Há um elemento adicional que pode haver tido influência na "lassitude" israelense que possibilitou a surpresa militar. A euforia que se seguiu à vitória relâmpago de 1967 sobre os exércitos do Egito, da Síria e da Jordânia deu a Israel um sentimento de destino manifesto similar ao que impulsionou os Estados Unidos rumo ao Oeste durante o século XIX. Desde então, tinha conseguido um grande reforço de seu poder militar. Possuía o dobro de tanques e aviões de combate que em 1967. As suas principais formações couraçadas já não eram Brigadas com uma centena de tanques, mas sim Divisões com trezentos deles. O seu Estado-Maior estava se preparando, de fato, para reduzir os trinta e seis meses do serviço militar obrigatório de seus soldados conscritos para três meses. Do outro lado, a aparente docilidade dos árabes alentava o sentimento de invulnerabilidade de Israel.

O país tinha mudado. Um autor comenta ao respeito:

Um funcionário do MOSSAD que tinha sido destinado para o exterior imediatamente após a Guerra dos Seis Dias retornou ao país cinco anos depois e achou o país transformado. Israel já não era apenas um país seguro de si mesmo, mas auto-satisfeito mergulhado em uma boa vida que parecia durar para sempre. Os funcionários do governo e os chefes militares agora se deslocavam em grandes automóveis e participavam de almoços de trabalho pagos, um costume novo em Israel. A fronteira já não estava a quinze minutos de Tel Aviv ou na borda de Jerusalém, mas fora da vista e até fora da mente, no Jordão, no Canal de Suez e no Golá. O exército tinha crescido muito e tinha muitos mais oficiais gerais, basicamente Brigadeiros Gerais, uma hierarquia criada recentemente. Muitos deles tinham redecorado seus escritórios para coloca-los à altura de seu novo status. Uma atitude de desdém para as capacidades militares dos árabes tinha se introduzido insidiosamente na psique nacional (RABINOVICH, 2003, p.165).

Dois fatos permitiram a surpresa do Yom Kippur se tornar um excelente caso de estudo para testar a validade dessas explicações teóricas: Primeiro,

³ Nota dos autores: muitas das obras bibliográficas utilizadas neste trabalho foram obtidas através do uso do dispositivo eletrônico KINDLE, da Amazon. Nas obras assim apresentadas não há referência de "página", mas de "posição" (p.).

⁴ Se referia a que a própria sobrevivência do Estado de Israel estava em perigo.

⁵ IDF: Forças de Defesa de Israel (compreende as três Forças Armadas)

as pessoas envolvidas na geração desse fiasco eram todas experimentadas e inteligentes, e o erro em avaliar as intenções de guerra do Egito e da Síria foi autêntico. Segundo, Israel possuía informações excelentes sobre os preparativos militares árabes e as intenções do Egito e da Síria de iniciar uma guerra. Com base nessas informações, é possível ter concluído que o ataque era altamente provável. Diante desses fatos, não é de surpreender que o foco dos estudos acadêmicos sobre esse fracasso seja explicar o porquê as principais pessoas envolvidas acreditaram até o último momento que o Egito não se percebia a si mesmo como capaz de iniciar uma guerra e que a Síria não estava pronta para lançar um ataque sem contar com a participação egípcia.

O objetivo deste trabalho não é informar todas as circunstâncias que envolveram a ofensiva militar árabe de 1973 contra Israel sem que isso signifique ignorar o grande interesse que eles têm para os estudos de estratégia e inteligência. Por questões de extensão, vamos nos centrar nos fatos que tiveram relação com as falhas de inteligência que deram lugar à surpresa.

Desde a Guerra dos Seis Dias, a avaliação anual de inteligência da IDF considerou improvável uma guerra. Na primeira reunião do general David Elazar com o Estado Maior logo de assumir a sua chefia, em 1º de janeiro de 1971, isso mudou. "A probabilidade de guerra é forte" disse ele. Na opinião dele, Anwar O Sadat não tinha virtualmente nenhuma outra opção se desejasse manter vivo o processo político que conduzira à recuperação do Sinai e à restauração do prestígio do país.

Isso era um claro reflexo da realidade política do Egito nesse momento. Tendo fracassado na sua iniciativa política para conseguir uma retirada, embora parcial, de Israel do Sinai, Sadat começou a se preparar para a guerra. Nada de positivo aconteceu em 1971, ano que ele denominara "o ano da decisão" nem em 1972. "Tínhamos perdido credibilidade aos olhos de todo o mundo e tínhamos começado a perder a fé em nós mesmos", declararia logo da guerra, em 1974 (RABINOVICH, 2003, p. 241).

Os três anos passados desde a chegada de Sadat no poder – um período de não-guerra, de não-paz – foram os mais desmoralizadores de toda a história moderna do Egito. Um profundo sentimento de humilhação e de impotência se refletia na literatura e nas músicas populares, e nas piadas sardônicas sobre o exército e a liderança nacional, Sadat em particular. Uma economia na bancarrota somava-se ao desânimo nacional.

A guerra era uma opção desesperada. Se o Egito fosse novamente derrotado, o impacto sobre a sua autoimagem seria terrível. Mas, para Sadat não se apresentava nenhuma outra opção. Quando soube que o exército nos tempos de Nasser só tinha desenvolvido planos defensivos, ordenou aos comandos superiores elaborar planos para cruzar o Canal e enfrentar o exército de Israel.

Nessa época a União Soviética era um importante aliado do Egito e da Síria, que forneciam as

bases navais e aéreas para poder vigiar a frota americana no Mediterrâneo. Em troca, a URSS mantinha perto de 15.000 assessores militares em cada um desses países e fornecia equipamento militar em troca de divisas.

Porém, a URSS também desencorajou os árabes sobre qualquer iniciativa para retomar as ações de guerra já que isso conspirava contra o clima de "detente" que naquele momento estava prevalecendo nas suas relações com os Estados Unidos. Nessa linha, Moscou se recusava a fornecer aos árabes o equipamento militar ofensivo que eles demandavam, como por exemplo, caças bombardeiros de longo raio de ação e mísseis terra-terra de alcance médio. O visível desdém dos soviéticos para a habilidade combativa dos egípcios também criava tensão nas relações.

O comunicado que se seguiu à primeira reunião de cúpula entre Leonid Brezhnev e Richard Nixon, em Moscou, em maio de 1972, provocou em Sadat um violento choque. A referência de um relaxamento no Meio Oriente significava a perpetuação da ocupação israelense em territórios árabes. Os soviéticos também tinham dado seu acordo para um possível redesenho das fronteiras.

Levou sete semanas para o embaixador soviético no Cairo, Vladimir Vinogradov, apresentar ao presidente egípcio um relatório referente aos principais pontos acordados na cúpula de Moscou e suas implicações para o Egito. Essa mensagem não fazia referência alguma às solicitações egípcias de armamento e finalizava colocando "que o Egito não estava pronto para a guerra". A resposta de Sadat teve um tom suave, mas de forte conteúdo. Deu para o embaixador dez dias de prazo para a evacuação de todo o pessoal militar soviético do Egito. Tinha ficado claro para ele que os soviéticos não fariam nada para ajudar na recuperação egípcia do Sinai.

A notícia foi tomada com pesar em Moscou e com beneplácito no Israel, já que foi interpretada como uma garantia de que o Egito não iniciaria uma guerra no futuro previsível. Washington também interpretou os fatos nesse sentido.

Anos depois, Henry Kissinger escreveria:

Subestimamos grosseiramente a Sadat. Baseados na experiência das guerras árabe-israelenses prévias, consideramos as ameaças de Sadat de ir à guerra a menos que houvesse progressos diplomáticos como se fossem no máximo gesticulações operísticas. Até a expulsão dos assessores soviéticos em julho de 1972 foi interpretada com certa condescendência, como um sintoma de petulância congênita, desde o momento que não tinha sequer tentado obter algum gesto de reciprocidade de nós. Nunca se nos ocorreu que ele pudesse estar "limpando a cobertura" para uma ação militar e desejava remover o que considerava um obstáculo soviético para ela (KISSINGER, 1999, p. 354).

De acordo com o planejamento militar israelense vigente, no improvável caso que a inteligência não fornecesse o alerta antecipado para que as divisões da reserva pudessem se deslocar ante de estourar a guerra,

era esperado que a Divisão do Sinai contivesse o exército egípcio, com o apoio da aviação, até que os reservas chegassem.

A inteligência militar israelense estimava que se houvesse a retomada da guerra esta seria na forma de fogo de artilharia através do Canal e dos ataques em pequena escala. Outro possível cenário era que os egípcios estabelecessem uma pequena cabeça de praia na margem oriental do Canal e a mantiveram até que fosse imposto o previsível cessar fogo.

Para lidar com essas possibilidades, as IDF desenvolveram um plano defensivo cujo codinome era "Dovecote". Este descansava nos trezentos tanques da Divisão do Sinai – a única divisão blindada do exército regular – e na Força Aérea. Tão confiados estavam os israelenses na sua capacidade para lidar com a ofensiva egípcia que as previsões defensivas não ocupavam muita extensão no plano, e focavam intensamente no rápido contra-ataque que seria realizado atravessando o Canal.

Diante da eventualidade de que os egípcios iniciaram uma ofensiva mais intensa, um plano mais amplo foi desenvolvido, com o codinome de "Sela". Ele previa o deslocamento por trás das linhas próprias de duas divisões blindadas da reserva que seriam mobilizadas antes da guerra estourar sobre a base dos alertas de inteligência. Do mesmo modo que "Dovecote", o "Sela" só contemplava passar do atual estágio defensivo para um massivo contra-ataque através do Canal, deixando a luta contra a ofensiva egípcia, à qual não davam importância, para as mesmas mãos que o "Dovecote".

Num jogo de guerra desenvolvido pelo Comando Sul israelense em agosto de 1972, presumia-se de quatro divisões egípcias que tinham sido observadas preparando a travessia do Canal, com um pré-aviso de inteligência de apenas quarenta e oito horas. No exercício, denominado "Battering Ram", a Divisão do Sinai "varreu" a cabeceira da praia egípcia em apenas meio dia. No terceiro dia da ação iniciada, a primeira divisão da reserva tinha chegado até o frente e atravessado o canal próximo do seu extremo norte. O alerta de quarenta e oito horas era considerado extremamente curto, haja vista a qualidade da inteligência militar israelense. Um pré-aviso de cinco ou seis dias era considerado mais próximo da realidade.

Em outubro de 1972, após retornar de uma estadia como adido militar em Washington, o general Eli Zeira foi designado chefe do serviço de inteligência militar, conhecido por AMAN, seu acrônimo em hebreu. Tinha atuado como ajudante de campo de Moshe Dayan, e diziam que era o general que Dayan mais respeitava. Pensava-se que este brilhante e equilibrado oficial algum dia seria Chefe do Estado Maior. Contudo, em alguns círculos, a sua indicação gerou inquietude. Alguns chefes militares preferiam alguém mais aberto às incertezas.

AMAN era a cabeça da comunidade israelense de inteligência e a responsável pela formulação da "Estimativa Nacional de Inteligência", que servia tanto ao Estado Maior como também ao governo para a formulação de políticas.

O Mossad era responsável pela coleta de inteligência no exterior, mas, por toda a sua reputação, depositava na AMAN a avaliação das intenções e das capacidades dos oponentes árabes.

Para garantir o alerta rápido nas novas circunstâncias, a AMAN sob o comando de Zeira não ficou apenas na análise do que o inimigo era capaz de fazer, visto que podia ser capaz de atacar com pouco pré-aviso, mas principalmente na análise do que o inimigo tentava fazer.

Sabendo que num regime autoritário as decisões eram geradas, na sua maioria, por uma única pessoa, a crença de Zeira de que ele compreendia o pensamento de Sadat residia em algo mais do que suas próprias habilidades analíticas. Naquela época, o Israel tinha acesso ao que era chamado de uma "super-fonte", que poderia ser descrita como "uma pessoa de elevado nível económico no Egito". Esta pessoa tinha oferecido seus serviços na embaixada israelense em Londres, em 1969, e superado todas as exaustivas provas pelas que passou para comprovar a sua confiabilidade. Desde então, tinha fornecido informação político-militar da mais alta qualidade e valiosas visões desde o coração do mundo árabe. Foi desse agente, chamado de "A Fonte" pela comissão investigadora - a Comissão Agranat - que após a guerra fez a avaliação do atuado, de quem o Israel conheceu os segredos do pensamento estratégico de Sadat.

O líder egípcio estava decidido a reconquistar o Sinai e faria uso da guerra se não tivesse outra opção. Mas, isso não seria antes que fossem alcançadas duas condições. Primeiro, precisava receber da União Soviética caças-bombardeiros capazes de neutralizar a aviação israelense atacando suas bases localizadas dentro do território israelense. Segundo, precisava mísseis Scud capazes de atingir Tel Aviv. Com isso dissuadiria os israelenses de atacar o coração de Egito. A inteligência israelense conhecia por outras fontes que os egípcios estavam negociando isso com a URSS, que esses meios não tinham sido providos e que, portanto, o Egito não estava pronto para a guerra.

A identidade de "A Fonte" era a do Dr. Ashraf Marwan, genro do ex-presidente Nasser. Nascido em 1944, Marwan casou-se durante a década de 1960 com Muna, a terceira filha de Nasser, e tornou-se embaixador itinerante do presidente. Foi utilizado como correio especial em múltiplas missões, primeiro para Nasser e posteriormente para Sadat. Também atuou como chefe de gabinete de Sadat e como coordenador entre o presidente e os serviços de inteligência egípcios.

As informações fornecidas por Marwan – que incluíam documentos escritos e relatórios verbais – eram conhecidas por muito poucas pessoas dentro da comunidade de inteligência de Israel. As informações eram muito valiosas. Em duas oportunidades antes da guerra, em dezembro de 1972 e em abril de 1973, Marwan advertiu que o Egito decidira iniciar a guerra e nas duas ocasiões as advertências foram feitas semanas antes da data prevista para o início das ações, o que permitia a

Israel adotar as medidas correspondentes. Em ambos os casos os alertas resultaram ser falsos, mas respondiam a reais intenções egípcias, frustradas por distintos motivos em cada oportunidade. O alerta final de guerra foi fornecido por Marwan quarenta horas antes do início do ataque, o que não permitiu a Israel adotar suas medidas a tempo.

Outra fonte extremamente valiosa de informação era o Rei da Jordânia, Hussein. Embora ele tivesse combatido contra Israel em 1967, o apoio recebido do estado judeu durante os acontecimentos que culminaram no Setembro Negro e sua tradicional proximidade mental e ideológica com o Ocidente, o tinham feito mudar de posição. Em maio de 1973 tinha advertido ao governo israelense que uma nova guerra era iminente. Posteriormente, tinha advertido, em 17 de julho, através do Mossad, que nas conversas entre o Egito e a Síria que tinham acabado de acontecer, tinha ouvido alusões para uma guerra iminente e mencionava-se como data de início o dia 26 de julho.

Hussein pediu e obteve uma reunião urgente com Golda Meir em 25 de setembro, num local perto de Tel Aviv. Segundo algumas das poucas testemunhas israelenses presentes, o rei parecia "nervoso e ansioso". Durante a reunião, o rei relatou o conteúdo das conversas mantidas no Cairo com Sadat e Asad entre os dias 10 e 12 de setembro, ressaltando que ambos os líderes árabes deixaram claro que não estavam dispostos a seguir tolerando a atual situação de "nem guerra, nem paz". Acrescentou que ele mesmo estivera de acordo com essa posição, e que, embora a Jordânia tivesse esclarecido que não participaria de nenhuma futura guerra, algo deveria ser feito para prevenir a guerra antes que a paciência dos árabes se esgotasse. Comunicou também aos israelenses que tinha informações sobre as unidades militares sírias que, supostamente, estavam realizando exercícios, mas na verdade estavam em situação de pré-guerra, e que se acreditava que a Síria tinha firmado acordo de ações militares com o Egito.

Foi afirmado que essa advertência impressionou fortemente Golda Meir. Por volta da meia noite comunicou-se com Dayan e comentou sobre a sua conversa com Hussein, manifestando sua preocupação. O Ministro da Defesa respondeu que estava pessoalmente alerta sobre a situação, ao igual que as IDF, e que era a sua intenção reforçar o Frente Norte no dia seguinte. Foram adotadas algumas medidas de alerta às unidades de primeira linha no Norte e reforçadas parcialmente. Mas, mesmo com esses reforços, a situação mostrava que, nesse frente, 100 tanques israelenses enfrentavam a ameaça potencial de 800 blindados sírios.

Zeira tinha herdado de seus antecessores "O Conceito", como essa avaliação particular era chamada, e tinha se debruçado nela sem reservas. Era um conceito de Sadat, não seu, e surgia desde o ponto de vista egípcio, e isso era o que lhe dava sentido. Zeira assegurou ao Estado Maior que quaisquer que forem os ruídos furiosos que o

Egito pudesse fazer, não iriam à guerra até que essas duas condições fossem satisfeitas. E a Síria, que era bem mais fraca, certamente não iria à guerra sem o Egito.

"O Conceito", – um esquema de pensamento que permite atribuir ordem e significado a elementos de informação relevantes para a própria percepção de um problema concreto – é uma ferramenta essencial na tarefa de inteligência. O relatório parcial da Comissão Agranat, que foi feito público em 1974, concluía que a raiz da falha da inteligência israelense estava "na persistente adesão dos oficiais de inteligência a aquilo que denominavam 'O Conceito'". Assim, os integrantes da Comissão identificaram corretamente a fonte da falha de inteligência, mas não a explicaram com propriedade (BAR- JOSEPH, 2005, p.555).

Sobre "O Conceito", Steven Stewart escreveu:

[Zeira] foi um dos arquitetos do que ficou conhecido como "O Conceito". Em simples palavras, o conceito se baseava, em primeiro lugar, em que os árabes não estavam prontos para uma guerra generalizada contra Israel. Embora tivessem a capacidade para iniciar uma guerra limitada, sabiam perfeitamente bem que Israel não se sentiria restringido pelas regras desse jogo, e que a guerra limitada rapidamente escalaria para uma guerra generalizada. Segundo, O Conceito de Zeira descansava em que, se uma guerra ia acontecer, esta seria curta. O terceiro pressuposto era que, em uma guerra total, os árabes seriam rapidamente derrotados (STEWART, 1980, p.358).

Na primavera (Boreal) de 1973, foram detectados deslocamentos egípcios de tropas sem precedentes, incluindo artilharia e material de engenheiros pontoneiros para as margens do Canal. As fontes de inteligência, incluindo "A Fonte" relataram que a intenção de Sadat era iniciar a guerra. O Cairo colocou em máxima alerta a totalidade de suas forças, e as forças expedicionárias de Iraque, Argélia, e outros países árabes tomaram posições na linha egípcia. Dois esquadrões de aeronaves de combate arroubaram o Egito desde o Iraque e a Líbia. Um deles era de aviões Mirage, capazes de atingir o centro de Israel. As fontes de inteligência citaram uma data a meados de maio para início das ações. As IDF ficaram em prontidão.

Não obstante os abundantes sinais, Zeira opinou que a probabilidade de guerra era baixa, já que a Síria não se achava em condições de participar. David Elazar não aceitou a avaliação de Zeira de "baixa probabilidade de guerra" e ordenou ao Estado maior atuar como se esta fosse iminente. Os preparativos (Plano Blue-White) incluíam trasladar as concentrações de tanques mais perto do frente, acelerar a criação de novas unidades e trasladar o equipamento de pontoneiros para as imediações do Canal. O chefe do Mossad, Zvi Zamir, também não compartilhava a avaliação de Zeira. Pensava que Sadat estava pronto para a guerra além do que indicava "O Conceito". Por último, a esperada ofensiva egípcia não se produziu.

Zeira emergiu dessa crise com a sua reputação e auto-confiança fortemente aumentadas. Com sinos de alarme soando por todas as partes em sua volta e o destino de seu país em jogo, tinha friamente sustentado ao longo de toda a crise que a probabilidade de guerra não só era baixa, ela era "extremamente baixa". Inclusive os analistas mais veteranos de sua própria agência tinham desafiado sua avaliação, mas ele tinha se mantido inflexível. Era tarefa da AMAN, sustentava, "manter baixa a pressão sanguínea do país e não soar os alarmes desnecessariamente" (RABINOVICH, 2003, p. 432). Se não fosse assim, as reservas teriam sido mobilizadas a cada dois meses com um efeito devastador sobre a economia e a moral do país.

Esse trunfo de Zeira foi uma espécie de derrota indireta para Elazar. Houve críticas dentro do governo pelos vultosos custos econômicos que as iniciativas logísticas "Blue-White" implicaram e foi gerado um claro risco que o Chefe do Estado Maior fosse visto como um alarmista se voltasse a gritar "Olha o lobo". No futuro, pensaria duas vezes antes de questionar as avaliações de Zeira.

A leitura que o general Zeira fazia sobre a estratégia do Egito tinha se tornado obsoleta, inclusive no momento em que ele assumiu seu cargo. Perto dessa data, Sadat declarou diante do Conselho Supremo das Forças Armadas que tentaria iniciar as ações militares, inclusive sem esperar mais pela provisão de aviões de longo alcance e de mísseis Scud. Os seus objetivos no Sinai podiam ser conseguidos com meios mais modestos do que esses.

Tinha tomado essa decisão no momento da expulsão dos assessores soviéticos e ordenado ao Ministro de Guerra ter o exército pronto para a guerra a meados de novembro. Estava convencido que só precisava ganhar apenas uma cabeceira de praia na margem leste do Canal para detonar a intervenção das superpotências e instalar uma dinâmica política que eventualmente forçaria Israel a se retirar para suas antigas fronteiras internacionais. Para atingir essa meta, não era necessário neutralizar a força aérea de Israel atacando suas bases, um projeto difícil de concretizar em qualquer circunstância, mas sim conseguir impedi-lo de avançar com os mísseis antiaéreos de origem soviética.

Nessa concepção jogavam um papel essencial os novos mísseis antiaéreos de origem soviética SA-6. Esses sistemas autopropulsados, à diferença dos anteriores SA-2 e SA-3, tinham chegado ao Egito logo após o cessar fogo de 1970, e sua mobilidade os tornava objetivos difíceis para a aviação israelense. Ainda, diferente dos sistemas mais antigos, podiam lidar com qualquer alvo que voasse por encima dos 300 pés de altura, anulando a até então bem-sucedida técnica israelense de voar em baixa altura para evadir as defesas.

O plano que finalmente surgiu, chamado "Altos Minaretes", previa um avanço de só cinco ou seis milhas até o lado leste do Canal, uma distância que poderia ser coberta pelas baterias de mísseis terra-ar. O novo Chefe

de Estado Maior egípcio, Shazly, um experiente oficial, sustentava que era possível desafiar a superioridade aérea israelense, o fator principal de todas as anteriores derrotas, confiando só nos SAM. O que surgira de tudo isso era um conceito estratégico egípcio totalmente novo ao tempo que a inteligência israelense confiava absolutamente no antigo.

Cinco divisões egípcias estavam concentradas, ao longo do tempo, sobre a margem ocidental do Canal. Era a premissa básica do plano que todas as forças atravessaram de forma simultânea em distintos pontos ao longo de suas cem milhas de extensão. O exército do Egito tinha sido substancialmente potencializado após 1967. O altamente politizado Estado Maior tinha sido purgado e os novos integrantes tinham sido escolhidos com base em suas competências, ao invés de suas conexões políticas, como tinha acontecido até então. Nas unidades de combate, os analfabetos, que tinham representado uma parcela importante das tripulações dos tanques, foram substituídos. Os universitários graduados, antes isentados do serviço militar, foram incorporados, melhorando significativamente a qualidade do quadro de oficiais. O treinamento intensivo com o novo equipamento militar soviético melhorou notadamente as aptidões e capacidades.

Durante a noite do dia 29-30 de setembro, a AMAN recebeu um relatório da CIA baseado em fontes "altamente confiáveis", advertindo que a partir do final do mês podia ser esperada uma grande ofensiva síria para ocupar as colinas de Golão. De acordo com essa informação, o exército sírio já tinha iniciado os seus procedimentos de batalha. A informação incluía o plano de ataque sírio, que era similar a outro relatado pela Rama 5 da AMAN uns meses antes.

Normalmente, uma informação desse tipo deveria ter sacudido toda a comunidade de inteligência e segurança, mas desta vez não aconteceu. Como imaginaram os analistas da AMAN, por trás do termo "fonte altamente confiável" estava o próprio Rey Hussein, que tinha fornecido aos americanos um alerta idêntico ao que tinha fornecido aos israelenses em 25 de setembro. Os chefes analistas da AMAN não atribuíram muito peso ao fato de que a mais importante agência de inteligência do mundo livre tivesse feito chegar até eles essa rara advertência. Os analistas da Rama 5, ao longo desse período, tenderam a avaliar mais seriamente a ameaça síria para gerar uma revisão especial de inteligência sobre o plano de guerra sírio. Mas o escalão superior do Departamento de Pesquisa adicionou uma avaliação tranquilizadora ao documento, mencionando que a AMAN não considerava essas disposições um reflexo da intenção síria de atacar, neutralizando assim o valor da advertência.

Todas as advertências foram ignoradas e os reservas não foram convocados. O dia 6 de outubro de 1973, e tal como todos os "sinais" o indicavam, cinco divisões do exército egípcio atravessaram o canal levando

todo seu material pesado e com o apoio de várias unidades de “comandos” derrotaram as defesas israelenses. Várias unidades pesadas sírias, ao mesmo tempo, atacaram nas colinas de Golã, fazendo recuar os poucos defensores e tomando o posto de comando, controle e comunicações israelense no monte Hermom. A “cegueira prenha” tinha derrotado a inteligência israelense.

À raiz dos fatos acontecidos foi criada, em 21 de novembro de 1973, uma comissão nacional investigadora, que foi conhecida como a Comissão Agranat⁶. O seu presidente foi o Dr. Shimon Agranato, presidente da Corte Suprema de Justiça de Israel, e a integraram altos funcionários civis e militares. A ela foi encomendado avaliar a inteligência disponível antes da guerra sobre as intenções da Síria e do Egito; a análise da inteligência pelas unidades autorizadas civis e militares; a preparação/alistamento em geral da IDF para o combate, especialmente no dia 5 de outubro de 1973, o dia prévio ao início da guerra.

O Relatório Intermediário foi publicado em 1 de abril de 1974, e estava focado nos motivos da falta de alistamento da IDF frente ao ataque: a noção (“O Conceito”) da IDF de que o Egito não atacaria antes de obter superioridade aérea que paralisasse a Força Aérea de Israel e permitisse bombardeios dentro do território israelense, assim como a falta de motivação da Síria se não se produzisse um ataque no frente egípcio. Essa “concepção” provocou que a inteligência israelense subestimara os sinais suspeitos recolhidos de ambos os países. As manobras das forças egípcias não foram avaliadas como preparações para a guerra e nem foram consideradas pela Diretoria de Inteligência Militar como sinais suficientemente adequados para alertar à IDF. Como resultado, a IDF não adotou a tempo as necessárias precauções, basicamente a mobilização de suas unidades de reserva.

As recomendações da Comissão incluíram a criação dentro do Gabinete de um Comitê de Defesa; a divisão de análise de inteligência em várias unidades autorizadas; a designação de um assessor em assuntos de inteligência para o Primeiro Ministro; uma clara divisão do trabalho, a autoridade e a responsabilidade entre o Governo, o Primeiro Ministro, o Ministro da Defesa e o Chefe do Estado Maior. Outras recomendações incluíram a renúncia de Eliahu Zeira, Chefe do Diretório de Inteligência, e outros vários oficiais da inteligência militar. Recomendou-se também a substituição de seu cargo do Chefe de Estado Maior, General David Elazar, por não ter contado com uma avaliação independente de inteligência e um plano de defesa detalhado. Adicionalmente, Elazar foi criticado pela sua excessiva segurança na capacidade da IDF de conter e rejeitar as forças inimigas utilizando só suas forças regulares. O chefe do Comando Sul, Maior General Shmuel Gonen, também foi alvo de críticas e foi recomendada a sua retirada do serviço ativo até que a Comissão finalizara as suas tarefas.

⁶ Disponível em: <http://www.knesset.gov.il/lexicon/eng/agranat_eng.htm>. Acesso em 3 fev. 2015.

Surpreendentemente, a Comissão não achou falhas na conduta do Ministro de Defesa Moshe Dayan nem também na do Primeiro Ministro Golda Meir. Entretanto, a publicação do relatório aumentou a agitação pública e aprofundou a crise entre a liderança política e a maioria da população. Golda Meir anunciou a sua renúncia em uma sessão especial plenária do Knesset, no dia 11 de abril, a qual foi seguida por um debate sobre o relatório da Comissão Agranat. Moshe Dayan não foi ratificado em seu cargo pelo novo governo assumido em 3 de junho e liderado por Yitzhak Rabin.

Um segundo relatório intermediário foi apresentado pela comissão em 10 de julho. Consta de 400 páginas e só a introdução foi feita pública. O seu conteúdo incluía depoimentos detalhados que foram fornecidos para a comissão, e suplementos ao seu primeiro relatório.

O relatório final foi apresentado em 30 de janeiro de 1975. Continha mais de 1500 páginas e, como tinha acontecido antes, só a introdução foi feita pública. Os relatórios descreviam com grande detalhe os eventos acontecidos em 8 de outubro na península de Sinai e no primeiro dia de combates nas colinas de Golã. Em ambos os casos, a IDF foi severamente criticada pela sua falta de alistamento e pelo mau funcionamento da coordenação entre unidades. O relatório também focou outros aspectos, como as ordens, a disciplina e o abastecimento de emergência, mas não analisou a imagem pública relativa à insuficiência das ações aéreas.

Os resultados concretos do relatório foram: o fortalecimento do Mossad e do Departamento de Pesquisa do Ministério das Relações Exteriores; a nomeação de assessores em inteligência e defesa para o Primeiro Ministro; a remoção do Chefe do Estado Maior, o Chefe do Diretório de Inteligência Militar, Elyahu Zeira, o seu adjunto, o Brigadeiro David Shalev, o Chefe do Departamento Egito, Ten. Coronel Yona Bendman, e o oficial chefe de inteligência do Comando Sul, Ten. Coronel David Gdalia⁷.

Os achados da Comissão impulsionaram, entre outras medidas, a modificação da Lei Básica para o Exército.

4 CONCLUSÕES

Este trabalho pretende dar uma contribuição metodológica para o campo da inteligência, partindo do trabalho do Coronel Pinto Sampaio e procurando aplicar o estudado para um caso histórico concreto. O exemplo analisado confirma que os erros na análise de inteligência apresentados podem ser considerados que foram causados pela “Cegueira Prenha” dos atores-chave israelenses; e que foram assim, a causa principal de surpresas estrategicamente onerosas.

⁷ Disponível em: <http://en.wikipedia.org/wiki/Special:Search/Agranat_Commission_-_Findings>. Acesso em: 3 fev. 2015.

Vivemos num tempo no qual a tecnologia e a informação dominam nossos dias e nos fornecem uma sensação de conhecimento de distintas problemáticas como não tivemos antes. Neste contexto, muitos autores afirmam – Richards Heuer Jr, em particular – contrariando a crença comum, que não é a falta de informação a responsável pelas falhas de inteligência, pelo contrário, no geral, abunda informação e são os vieses e os preconceitos na mente dos analistas (e dos tomadores de decisão) os que habilitam as surpresas.

Os resultados obtidos pela interação da psicologia com a inteligência estão dando seus frutos e ajudando a melhorar o trabalho dos analistas.

Nessa linha de pensamento, o trabalho do coronel Pinto Sampaio é uma valiosa contribuição para o esclarecimento da problemática básica da inteligência, e sua consideração por parte dos responsáveis pela direção de sistemas de inteligência pode trazer soluções eficazes para uma parte importante dessa problemática.

Por último, é necessário continuar explorando a psicologia do analista de inteligência e o funcionamento dessas organizações a fim de conseguir que os tomadores de decisão contem com informações de melhor qualidade para realizar seu trabalho. Além disso, seria apropriado que este tipo de pesquisas acadêmicas seja distribuído e analisado pelos próprios analistas e que passem a fazer parte do plano de capacitação dos mesmos.

REFERÊNCIAS

AGRANAT Commission. [S.l.: s.n.], 2008. Disponible en: <http://www.knesset.gov.il/lexicon/eng/agranat_eng.htm>. Acesso en: 3 de feb. 2015.

BAR- JOSEPH, U. **The Watchman Fell Asleep: the surprise of Yom Kippur and its sources**. Albany: State University of New York Press, 2005.

HEUER, R. J. **Psychology of Intelligence Analysis**. Washington, DC: Center for Study of Intelligence, Central Intelligence Agency, 1999.

JERVIS, R. **Perception and misperception in international politics**. Princeton: Princeton University Press, Princeton, 1976.

PERITORE, N. **La Percepción frente al planteo y al conocimiento del enemigo**. Caso: EE.UU. post 11-S (TFI). 2014. Trabajo de conclusión de curso (Especialización en Análisis de Inteligencia Estratégica) - Instituto Universitario Aeronáutico, Buenos Aires, 2014.

PINTO SAMPAIO, C. **La ceguera pregnant en el trabajo del analista de inteligencia estratégica**. Identificando el fenómeno. Trabajo de conclusión de curso (Carrera de Especialización en Análisis de Inteligencia

Estratégica) - Instituto Universitario Aeronáutico, Buenos Aires, 2013.

RABINOVICH, A. **The Yom Kippur War**. New York: Shocken Books, 2003.

SIMON, H. A. **El comportamiento administrativo: estudio de los procesos decisorios en la organización administrativa**. Buenos Aires: Aguilar, 1988.

VAN CREVELD, M. **Command in War**. Cambridge: Harvard University Press, 1985.

WIKEPEDIA. **Agranat Commission – Findings**. [S.l.]: Wikipedia, [2015]. Disponible em: <http://en.wikipedia.org/wiki/Special:Search/Agranat_Commission_-_Findings>. Acesso en: 3 feb. 2015.

Indicação de Responsabilidade

O conceito de autoria adotado pela CMM está baseado na contribuição substancial de cada uma das pessoas listadas como autores, seguindo as categorias abaixo:

- (1) Conceção e projeto ou análise e interpretação dos dados;*
- (2) Redação do manuscrito ou;*
- (3) Revisão crítica relevante do conteúdo intelectual.*

Com base nestes critérios, a participação dos autores na elaboração deste manuscrito foi:

Maria Jose Espona - 1, 2 e 3

Manuel Giavedoni Pita - 1, 2 e 3

Recebido em 14 de julho de 2015
Aprovado em 13 de agosto de 2015